



CONEXÕES LUSO-AMAZÔNICAS: INTELECTUAIS MEDIADORES NA REVISTA BRASIL-PORTUGAL (1899- 1914)¹

Anna Carolina de Abreu Coelho*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

annacarolinaabreu@unifesspa.edu.br

RESUMO: O periódico Brasil-Portugal foi uma revista quinzenal ilustrada portuguesa voltada para temas da atualidade. Com 374 números publicados, a Brasil-Portugal circulou de 1899 a 1914 entre países lusófonos como Brasil, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, e em outros lugares por intermédio de seus colaboradores. Intelectuais e políticos paraenses integraram a equipe do periódico, a exemplo do Barão de Marajó e de Paes de Carvalho, que ajudaram a dar visibilidade à Amazônia por meio de notícias, fotografias, biografias, propagandas, especialmente durante a virada do século XIX para o XX. A partir da revista, este artigo pretende analisar o processo de divulgação da Amazônia na imprensa portuguesa, que evidenciam os laços de sociabilidade entre brasileiros e portugueses.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa – Amazônia – Portugal

LUSO-AMAZONIAN CONNECTIONS: IMAGES AND MEDIATION IN THE BRASIL-PORTUGAL MAGAZINE (1899-1914)

ABSTRACT: The *Brasil-Portugal* periodical was a Portuguese fortnightly magazine focused on current topics. With 374 numbers spread, *Brasil-Portugal* circulated from 1899 to 1914 among Portuguese-speaking countries such as Brazil, Guinea-Bissau, Angola and Mozambique, and elsewhere through its collaborators. Intellectuals and politicians from Pará, were part of the journal's team, such as Barão de Marajó and Paes de Carvalho, who helped to give visibility to the Amazon through news, photographs, biographies, advertisements, especially during the turn of the 19th to the 20th century. Based on the magazine, this article aims to analyze the process of disseminating the Amazon in the Portuguese press, which show the bonds of sociability between Brazilians and Portuguese.

KEYWORDS: Press – Amazônia – Portugal

¹ Este artigo faz parte da pesquisa institucional intitulada **A inserção intelectual paraense nos círculos europeus: uma análise da revista Brasil-Portugal (1899-1914)**, que contou com bolsa PIBIC/PNAES/Unifesspa. Agradeço o apoio das bolsistas Regini da Silva Pedrosa e Kívia Pires Rosa.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Pará (2015). Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará vinculada ao curso de História (FCH/IETU), ao Programa de Pós-graduação em História (PPGHIST) e ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória). Atualmente é Diretora da Faculdade de Ciências Humanas (Unifesspa/IETU).

INTRODUÇÃO

Uma das particularidades da Amazônia brasileira é sua histórica aproximação com Portugal, desde o século XVII, período do antigo estado do Maranhão e Gram-Pará. Durante o século XIX, a inserção do Norte no processo de tessitura da nação foi um tema bastante delicado, que culminaram nas diversas tensões ocorridas até a adesão do Pará à Independência do Brasil.

A proximidade com Portugal é fruto de longos anos de deslocamentos entre os portos de Belém e além-mar, que favorecia o trânsito de notícias entre os países: circulavam em terras lusitanas periódicos paraenses como *A Província do Pará*, assim como encontravam-se em jornais portugueses, como *O Commercio do Porto*, seções com notícias sobre o Pará ou revistas ilustradas, como a *Ilustração Portuguesa* e a *Brasil-Portugal*, que traziam não somente notícias, mas também imagens do Pará e do Amazonas².

As revistas ilustradas floresceram mundialmente a partir da década de 1840. Eram publicações voltadas para assuntos então atuais e à difusão de conhecimentos utilitários. A primeira revista ilustrada semanal foi *The Illustrated London News* (Londres, 1842), periódico londrino que serviu de inspiração para a revista *L'Illustration* (Paris, 1843), e tantas outras que usavam as imagens como um diferencial para o público leitor, a exemplo de: *Illustrirte Zeitung* (Leipzig, 1843), *A Ilustração* (Lisboa, 1845), *Il Mondo Illustrato* (Turim, 1846), *La Ilustración Española* (Madri, 1847), *Illustrated News* (Nova York, 1853), *Ilustração Brasileira* (Rio de Janeiro, 1854), *Revista de Portugal* (Porto, 1889) (LUCA, 2017).

Mais de meio século após a publicação da revista londrina, foi lançado em 1899 o primeiro dos 374 volumes da *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*. Com circulação em territórios lusófonos, como Brasil, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique³, a revista teve em média 24 publicações por ano (dado ser quinzenal) até 1914, quando encerrou suas atividades. A direção ficou a cargo dos jornalistas Augusto de Castilho, Jaime Victor, Lorjó Tavares e posteriormente Augusto Pina uniu-se à

² Sobre a Amazônia na *Ilustração Portuguesa*, ver: ALVES, 2019.

³ *Brasil-Portugal*, 1 de fevereiro de 1913.

equipe. Em 1912, foi a vez de João de Vasconcelos se unir à diretoria da revista devido ao falecimento de Augusto de Castilho⁴ (MULLER, 2010; 2011).

A *Brasil-Portugal* nasce em um contexto social de intensa agitação política, em meio a uma crise entre o governo monárquico e a imprensa, que teve como repercussão uma forte repressão ao trabalho dos jornalistas, especialmente após a promulgação da “lei dos anarquistas” em 1896 – esses entraves ao exercício de uma imprensa livre no Brasil permaneceram até a primeira década do século XX (HIGES, 2016).

De acordo com Fernanda Muller, a revista era voltada para as elites pertencentes às comunidades portuguesas, compondo um verdadeiro “álbum de memórias visuais” (2011, p. 45). Sua edição viveu duas fases: no primeiro momento, era uma revista voltada para atualidades e efemérides; após 1910, passou a atuar como veículo de oposição ao governo republicano português. Além disso, considerando que a revista se destinava ao público leitor luso-brasileiro, havia a instabilidade da relação diplomática entre Brasil e Portugal, estremecida pela expulsão da família real em 1889 e rompida em 1893, devido à Revolta da Armada (SANTOS, 2014).

Entretanto, se na esfera política as relações entre Brasil e Portugal estavam confusas, na imprensa houve a circulação de vários periódicos portugueses que buscaram ampliar o diálogo com o Brasil, como as revistas *História*, *Seara Nova*, *Nação Portuguesa*, *Lusitânia* e *Atlântida* (SERPA, 2000; MEDEIROS, 2016). Em contrapartida, o *Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil: Estado do Pará* publicou um artigo escrito por Teodoro Braga, sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, com o título “Catalogo dos Periódicos Portugueses Publicados no Pará”, que cita revistas e jornais portugueses ou luso-brasileiros publicados em Belém por associações portuguesas ou editores lusitanos, como *O País das Quinas*, *O Lusitano*, *o Portugal*, *O Record* e a *Gazeta Lusitana* (BRAGA, 1929, p. 628).

Os intelectuais portugueses responsáveis por essas publicações – algumas com volume único, a exemplo de *Portugal*, lançado pelo Grêmio Literário Português em 1878 – eram formados por uma cultura nacionalista e, para tentar valorizar sua terra natal, propunham formas unificadoras de ler o passado e divulgar o colonialismo português, por isso “dialogavam com o Brasil na medida em que este era o emblema da

⁴ Para ver estudos sobre a galeria da imprensa presentes na revista **Brasil-Portugal**: revista quinzenal ilustrada ver: Muller (2010). Sobre a atuação do editor Lorjó Tavares, ver: Muller (2011).

positividade da sua política colonialista e serviria como exemplo para as colônias portuguesas, em África” (SERPA, 2000).

Nesse sentido, Fernanda Muller ressalta que, embora a revista *Brasil-Portugal*, objeto de sua pesquisa e deste artigo, pretendesse “divulgar o Brasil em Portugal e vice-versa”, o enfoque maior sempre era em Portugal, sendo o Brasil representado ora como “importante mercado consumidor, ora como importante ‘berço’ da colônia portuguesa que ali precisa ser protegida e fomentada” (2010, p. 267). No entanto, mesmo com pouco destaque, não faltaram nas páginas da revista referências à Amazônia – fotografias, biografias, propagandas –, o que demonstra a boa atuação dos intelectuais e políticos da região, que, apesar do espaço editorial restrito, conseguiram utilizar os periódicos portugueses, especialmente a *Brasil-Portugal*, conforme seus objetivos e interesses. Vale ressaltar que a Amazônia durante o século XIX e início do XX compreendia, de acordo com o entendimento corrente, os estados do Pará e do Amazonas (ABREU, 1883; VERÍSSIMO, 1892).

Inicialmente, os imigrantes portugueses vindos ao Pará pertenciam a redes familiares e de conterraneidade. Porém, nas décadas finais do século XIX e na primeira do século XX, o fluxo migratório se ampliou e passou a ser constituído também por imigrantes enviados por agências de viagem, engajadores e agentes governamentais, para os quais os impressos eram um meio de conexão e informação sobre o local de destino. Outra motivação para o deslocamento era o comércio, como demonstram as notícias sobre o estado nos jornais portugueses (CANCELA, 2019). A intensa relação comercial entre as cidades de Belém do Pará e do Porto justificava-se porque “comerciantes residentes no Pará, portugueses ou descendentes de famílias portuguesas, mantinham negócios e bens no Distrito do Porto”, do mesmo modo, “comerciantes do Porto possuíam firmas e bens vinculados à Belém” (CANCELA, 2019, p. 352).

A *Brasil-Portugal*, assim como outros periódicos portugueses, estava no meio dessas relações, pois também traziam propagandas recorrentes das casas comerciais portuguesas. Além disso, a revista contava com a colaboração de duas figuras conhecidas da política e da intelectualidade paraense, que podem ser considerados figuras importantes nesse processo de mediação entre os dois países: José Paes de Carvalho, médico, governador e senador; e José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de

Marajó. Os artigos escritos pelo diretor da *Brasil-Portugal* Lorjó Tavares⁵ ajudavam a estreitar os laços e encurtar a distância entre brasileiros e portugueses.

Diante do exposto, este artigo objetiva analisar a divulgação da Amazônia na revista *Brasil-Portugal* e a atuação de intelectuais amazônicos como mediadores na imprensa portuguesa.⁶

A AMAZÔNIA NA REVISTA BRASIL-PORTUGAL

Ao analisar os temas abordados na revista *Brasil-Portugal*, é possível perceber que as referências à Amazônia foram mais recorrentes nos três anos iniciais da publicação, de 1899 a 1901, totalizando 48 menções. Além disso, havia um caderno suplementar com anúncios e propagandas de casas comerciais localizadas no Pará e no Amazonas, que foi editado até 1912, sendo removido das páginas da revista em seus dois últimos anos de circulação (1913 e 1914).

Essa abordagem sugere que, mesmo com a crise diplomática entre os dois países, o contato de intelectuais e políticos da elite amazônica com a imprensa portuguesa era bastante próximo e profícuo – os relatos de viajantes e as propagandas de negócios de portugueses na região corroboravam para a frequência desse contato. A presença da Amazônia na *Brasil-Portugal* ocorria por meio de temas específicos, quais sejam: biografias de homens ilustres; viajantes; cidades; economia; resenhas de obras sobre a região; e propagandas (Quadro 1).

Vários políticos do Pará e do Amazonas tiveram suas biografias publicadas na revista, como o Barão de Marajó, Paes de Carvalho, Eduardo Ribeiro, Constantino Nery e Silvério Nery. Entre os políticos amazônicos, a participação mais atuante na revista é a de Paes de Carvalho, governador do estado do Pará de 1897 a 1901, período que coincide com os anos iniciais da revista: imagens de Belém durante sua gestão, sua biografia, sua participação em efemérides e um texto em que exalta seus projetos como

⁵ Artigos como: “Lorjó Tavares no Pará e a imprensa no Brasil”, “O *Brasil-Portugal* e o Lorjó Tavares no norte do Brasil”, “Lorjó Tavares: pelo Amazonas”, “O *Brasil-Portugal* no Pará”.

⁶ Entende-se intelectual conforme Sirinelli (2003), isto é, a partir de duas definições inter-relacionadas e complementares: uma sociológica e cultural, que engloba os criadores e mediadores culturais; outra política, que considera o engajamento direto ou indireto na vida da cidade.

governador demonstram que a *Brasil-Portugal* serviu de veículo de divulgação dos feitos desse político paraense.⁷

A partir de 1907, a Amazônia praticamente sumiu das páginas do periódico: em sete anos foram publicadas apenas cinco referências – três biografias (1908, 1910, 1912) e duas notícias (1911) –, sendo que nos anos de 1907, 1909, 1913 e 1914 não houve quaisquer referências ou matérias relacionadas à região amazônica e seus habitantes, ilustres ou não.

Quadro 1 – Temas sobre a Amazônia na revista *Brasil-Portugal*

<i>Temas</i>	1899	1900	1901	1902	1903	1904	1905	1906
<i>Biografias e homenagens</i>	5	7	4	3	1	1	3	–
<i>Cidades</i>	3	1	2	1	–	–	–	–
<i>Viagens</i>	7	6	2	–	–	–	–	1
<i>Resenha de livros</i>	1	–	–	–	1	–	–	–
<i>Economia</i>	2	–	1	–	–	–	–	–
<i>Efemérides entre Brasil e Portugal</i>	1	–	–	–	–	–	–	1
<i>Notícias</i>	3	2	1	–	–	–	–	1
<i>Total</i>	22	16	10	4	2	1	3	3

Fonte: *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, anos 1-8, n. 1-190, 1899-1906.

Sobre a Amazônia retratada na revista, mais especificamente sobre a cidade de Belém ilustrada para os portugueses, de acordo com Geraldo Coelho (2007), desde 1850 era possível perceber na capital paraense representações de padrões da cultura burguesa que se mundializava; os elementos e valores das formas antigas lusitanas davam lugar, aos poucos, à influência francesa. Os textos e imagens que apresentavam cenas de Belém e Manaus traziam elementos que sugeriam progresso e modernidade, como os *boulevards*, as praças e pontes, que descreviam cidades que vivenciavam sua *belle époque*, financiada pelo *boom* da economia gomífera (SARGES, 2000).

É modelar um artigo no qual foram descritas as transformações urbanas de Belém, com suas avenidas largas e apropriadas condições de ventilação, destacando o bom gosto arquitetônico da capital. Segundo o articulista da *Brasil-Portugal*, essa nova

⁷ Na edição de 1 de junho de 1899, foi publicado um artigo denominado “Mensagem do Governador do Pará”, em que é esboçado o plano de construção de uma escola politécnica, com o objetivo de expandir a educação pública. No fim do artigo, Paes de Carvalho expõe a situação financeira do estado, que se apresenta próspera, segundo ele. (*Brasil-Portugal*, 1 de junho de 1899, p. 2).

configuração do espaço, provocada pela exploração da borracha, atraía inúmeros imigrantes (*BRASIL-PORTUGAL*, 16 de fevereiro de 1899, p. 7). Manaus foi igualmente apresentada de forma elogiosa, com destaque para sua natureza exuberante e o desenvolvimento comercial e industrial, bem como a intensa movimentação do porto e seus prédios modernos, como o Palácio do Governo, o Instituto Benjamin Constant e o Liceu (*BRASIL-PORTUGAL*, 1 de março de 1899, p. 9).

Os artigos da revista eram, em geral, ilustrados com fotografias, cuja autoria ou fonte não vinham devidamente creditadas. Todavia, após uma busca pelas imagens em outras fontes, foi constatado que foram originalmente publicadas em álbuns dos estados do Pará e do Amazonas, tendo sido feitas pelo estúdio Findanza e Cacavoni. Essa prática não era uma particularidade da *Brasil-Portugal*, a revista *A Ilustração Portuguesa*, por exemplo, publicou várias imagens do *Álbum de Belém* de 1902, como a Praça da Trindade, a Praça da República, a Doca do Ver-o-Peso e a Praça Batista Campos. Essas fotografias foram acompanhadas da efígie do então governador Augusto Montenegro e um texto com nota elogiosa ao desempenho dele e algumas informações sobre a cidade (*BRASIL-PORTUGAL*, 16 de fevereiro de 1899, p. 7).

É importante frisar que as imagens relacionadas à Amazônia na revista *Brasil-Portugal* são predominantemente urbanas, ressaltando os prédios públicos e transmitindo um certo ar de civilidade. A natureza, porém, aparece em narrativas poéticas, como a carta de Lorjó Tavares, em que descreve sua solitária viagem pelos rios até Manaus:

Terra é coisa que não aparece. E a água sempre como espelho me faz desesperar.

É uma solidão atroz, pesada, sem vento, sem ruído, sem pássaros, sem coisa que me chame atenção. [...] Não há crepúsculo. E eu vim para a ré sentar, meio contristado com a noite, e depois vim escrever algumas linhas a fresca, nesta liberdade e neste deserto do navio que corre parelhas com o deserto das margens amazônicas. Está todo iluminado, mas não vejo ninguém. Sumiram todos para os beliches.

Sou uma espécie de rei pequeno nesta ilha flutuante onde só se houve o bater da hélice e o rumor das minhas grandes aspirações. (*BRASIL-PORTUGAL*, 1 de julho de 1899, p. 11)

As águas e o vazio predominam na narrativa do diretor da revista: “O Amazonas é enorme, mas monótono, pesado, todo sereno e barrento, com sua grande vegetação compacta que não deixa ver um palmo de planície, um píncaro de cerro”

(BRASIL-PORTUGAL, 1 de julho de 1899, p. 11). A imagem de um índio gavião ilustra o texto, talvez para reforçar o exotismo que o relato busca transmitir; apenas no momento final do artigo, Lorjó descreve a vista de uma Manaus civilizada: “Chegamos. Manaus é linda vista de fora. A bela e progressiva capital do Amazonas atrai-me” (BRASIL-PORTUGAL, 1 de julho de 1899, p. 11). A natureza e as longas viagens pelos rios são temas que fazem parte de uma teia discursiva sobre a Amazônia iniciada com os viajantes do século XVI, posto que falar sobre a natureza era algo o esperado de um relato de viagens (PIZARRO, 2012).

Nesse sentido, a revista difere dos jornais do Porto, analisados por Cancela (2019), que apresentam uma Belém ambígua, a qual contrasta o progresso com o clima ruim (para os europeus) e as epidemias, além de fomentarem o imaginário de uma cidade mística, encantada por meio de relatos como o de uma mulher que deu à luz uma criança com corpo de cobra, na cidade de Alenquer, no Pará, ou de uma senhora que venderia mingau de milho, ou “mugunzá”, envenenado. Esses relatos sobre “o clima insalubre e as epidemias atualizavam e reforçavam percepções e imagens que mantinham continuidade com o imaginário europeu sobre o Novo Mundo e a Amazônia, pautado no exotismo, na natureza selvagem” (CANCELA, 2019, p. 354). Na revista *Brasil-Portugal*, entretanto, as referências à civilidade de Manaus e as homenagens aos homens ilustres são a maioria, provavelmente pela presença, entre seus colaboradores, de políticos e intelectuais propagandistas do Pará e do Amazonas, a quem certamente o discurso encharcado de exotismo não agradava.⁸

Esses intelectuais atuavam como verdadeiros agentes da Amazônia a fim de interligar dois sistemas culturais diferentes, uma postura que se revelava necessária principalmente em virtude dos “grupos sociais em posição subordinada ou vulnerável nas correlações de poder” (SOARES, 2017, p. 34). Embora, a revista fosse um espaço moderno de divulgação da região, os colaboradores amazônicos mantinham o diálogo com o passado, procurando manter os laços com a antiga metrópole, sem abrir mão de usar os mínimos espaços para expor imagens que se afastavam do exotismo e da floresta, em oposição ao destaque dado à natureza amazônica no artigo de Lorjó Tavares.

⁸ Para uma crítica dessa visão exótica da Amazônia na narrativa dos viajantes, ver: ABREU, 1883.

Em relação às propagandas, o caderno suplementar era o espaço dedicado à divulgação de diferentes serviços, tais como seguros, armazéns variados, hotéis, livrarias, restaurantes, drogarias, bancos, comércio de madeira e tecidos. Os anúncios relacionados ao Pará e ao Amazonas são muito presentes no periódico, especialmente no ano de 1900, quando estiveram em todos os 24 volumes publicados naquele ano. Entre os anunciantes deste lado do Atlântico, destacam-se a casa comercial de importados Torre Malakof, a Casa Pekin, o restaurante Coelho, a companhia de seguros Garantia da Amazônia, o hotel American e a José Mendes Leite & CIA. Alguns estabelecimentos receberam ainda mais ênfase, para além do caderno de anúncios, como a Casa J. H. Andresen, exportadora de borracha, cacau e castanha e importadora de vinho do Porto para o Amazonas, que teve as biografias de seu gerente e de seu proprietário nas páginas revista – Jan Heinrich Andresen era dinamarquês e veio com seus filhos ainda pequenos para Manaus, onde a família fez fortuna no ramo do comércio de grosso trato; atualmente a Casa J. H. Andresen é uma das mais respeitadas produtoras de vinho do Porto. Outra empresa que teve seus diretores biografados pela revista foi a seguradora Garantia da Amazônia, ligada a imigrantes portugueses. Ou seja, existe uma correlação entre as matérias presentes na revista e seus patrocinadores, o que chama a atenção para as relações de sociabilidade entre a imprensa portuguesa e os empresários com negócios na região amazônica, em sua maioria imigrantes portugueses.

Como ressaltou Maria de Nazaré Sarges (2017), Belém e Manaus configuravam um ambiente onde a presença portuguesa era muito destacada, em especial no comércio, tendo sido representativa a participação de comerciantes portugueses na economia da borracha, principalmente daqueles que eram donos de casas aviadoras. Mesmo com a queda da importação do látex, esses comerciantes não foram atingidos; pelo contrário, outros negócios foram beneficiados, como os setores de atividades urbanas, de negócios imobiliários, da construção naval de pequeno porte, da construção civil e de outros ramos da indústria.

A importância da economia gomífera pode ser visualizada no artigo “A Borracha ou Goma Elástica”, escrito pelo Barão de Marajó. A primeira parte do artigo discorre acerca das pesquisas sobre a seringueira: a espécie inventariada pelos primeiros viajantes europeus que mapearam a botânica da região, o processo de extração da borracha no Pará e no Amazonas, a tentativa de aclimação da seringueira feita pela

Inglaterra nas colônias asiáticas. Na última parte, o barão observou as dificuldades e a insalubridade presentes no trabalho dos seringueiros, sujeitos às corriqueiras febres intermitentes de lugares úmidos.⁹

As biografias e homenagens na *Brasil-Portugal* traçam perfis de pessoas que, de alguma forma, estabeleceram um forte vínculo entre os dois países. Desse grupo destacam-se os portugueses que enriqueceram no Pará ou no Amazonas, conhecidos em Portugal como “brasileiros” ou “torna-viagens”, e que confirmaram a ideia de que o Brasil era um local favorável ao sucesso (mesmo não sendo uma regra), uma verdadeira “árvore das patacas” (MACHADO, 2005; SARGES, 2017). Exemplos dos “brasileiros” biografados pela revista são João Ventura Ferreira, presidente da empresa Garantia da Amazônia, e José Francisco da Costa, fundador da cidade de Humaitá, no Amazonas; também tinham os brasileiros nascidos em outros estados, mas que desenvolveram sua carreira na Amazônia, como Eduardo Ribeiro (que exerceu o cargo de governador de Manaus). Além deles, foram biografados políticos e/ou intelectuais de origem paraense ou amazonense que mantinham boas relações com a equipe editorial da revista.

Mereceram homenagem também dois intelectuais que escreveram obras voltadas para o público exterior: Frederico José de Santa-Anna Nery, conhecido divulgador do Brasil e autor de *O País das Amazonas* (1883), posteriormente transformado no *Álbum do Amazonas*, que visava apresentar as possibilidades da Amazônia para investidores e imigrantes; e o já citado Gama e Abreu, o Barão de Marajó, autor da obra *As Regiões Amazonicas* (1896), publicada em Lisboa e financiada pelo estado do Pará, cujo objetivo era semelhante ao livro de Santa-Anna Nery.

Além das biografias, a revista trazia fotografias e imagens recorrentes relacionadas a políticos que ocuparam cargos no Amazonas, especialmente os governadores, como o coronel José Cardoso Ramalho Júnior (1866-1900), filho de um artista português de origem simples, nasceu em Manaus e foi educado na cidade do Porto, teria chegado ao governo por sua primorosa educação; Eduardo Gonçalves Ribeiro (1862-1900), cujas principais realizações foram o início das obras do Teatro Amazonas, a construção do Reservatório do Mocó, da Ponte de Ferro da Rua 7 de

⁹ Artigo muito semelhante foi publicado pela revista *A Ilustração Portuguesa*, o qual discute as especificidades da seringueira, bem como a descoberta do látex pelos indígenas, que, ignorando o futuro valor comercial, brincavam com a borracha, até que “um dia chegou à revelação de que essa matéria escura, mole, flexível, elástica era uma preciosidade”. O texto detalha ainda, em onze fotografias, todo o processo de produção, da coleta no seringal ao beneficiamento. (*A Ilustração Portuguesa*, 15 de dezembro de 1913, p. 704-708).

Setembro, do Palácio de Justiça, entre outras inúmeras obras; Silvério Nery (1858-1934), que exerceu vários mandatos como deputado no período imperial e republicano, e publicou em 1901 o *Álbum do Amazonas*, com texto da obra *O País das Amazonas*, escrito pelo irmão Santa-Anna Nery; Antonio Constantino Nery (1859-1926), responsável pela construção da penitenciária, da biblioteca pública e da avenida Constantino Nery. É perceptível, em se tratando das redes de sociabilidade, a boa relação dos editores da revista com os membros da poderosa família Nery no Amazonas.

Entre os políticos do Pará, foram biografados os já citados colaboradores Barão de Marajó e Paes de Carvalho. José Paes de Carvalho foi um árduo defensor da imigração estrangeira para o estado, de tal modo que em seu governo foi criada a Lei n. 583, de 21 de junho de 1898, que organizava o serviço de imigração e colonização, legalizando a situação de imigrantes estrangeiros e nacionais; durante a sua gestão, foi organizado uma luxuosa obra para divulgar seus feitos administrativos, o *Album do Pará em 1899*, em edição trilingue – português, italiano, alemão – com a parte descritiva escrita pelo engenheiro Henrique Santa Rosa e a composição das imagens sob a responsabilidade de Felipe Findanza. Por sua vez, o Barão de Marajó foi presidente das províncias do Pará e do Amazonas, deputado, senador e intendente de Belém. Além de *As Regiões Amazonicas* (1896), escreveu o texto *Um Protesto* (1884), em que defende a causa brasileira no imbróglio com a França a respeito do território contestado franco-brasileiro; foi o representante do Pará na Exposição Universal de 1889, em Paris, e na sessão de etnologia da Exposição de Chicago em 1893, tendo traduzido para o inglês o relatório do Pará na exposição. O barão teve suas idas e vindas entre Brasil e Portugal documentadas pela revista, que, além da biografia publicada, prestou-lhe uma homenagem após sua morte.

Outro político paraense que recebeu grande destaque no periódico foi Augusto Montenegro, governador do Pará de 1901 a 1909. Nascido em Belém, formou-se em 1885 no Recife, em Ciências Jurídicas e Sociais, e assentou na banca de advogados de sua terra natal. Em 1889, entrou para a carreira diplomática, tendo sido eleito em 3 legislaturas. Foram publicadas fotografias dele e de sua esposa, Beatriz Baltar Montenegro, filha do comendador Ferreira Baltar, de Pernambuco.

Ao analisar as biografias presentes na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Maria da Glória de Oliveira (2010) conclui que os elogios

biográficos não apenas exaltavam proezas literárias e científicas, mas serviam de apologia às virtudes morais do homenageado, tornando a vida dele exemplar, como uma fórmula de consagração. O perfil dos biografados pela *Brasil-Portugal* era muito distinto dos selecionados pela revista do IHGB, pois a primeira procurava – além de literatos, militares e cientistas – sagrar, como vidas exemplares, pessoas importantes para as relações luso-brasileiras.

Com esse mesmo objetivo, foram resenhados dois livros sobre a Amazônia: *Jesuítas no Pará*, do português João Lúcio de Azevedo, e *Viagem ao Tocantins-Araguaia*, do francês Henri Coudreau. Poucos autores simbolizam tão bem a relação Portugal-Amazônia quanto João Lúcio de Azevedo. Nascido em Sintra, veio para Belém do Pará aos 18 anos e conseguiu o emprego de caixeiro de uma livraria, da qual, em poucos anos, tornou-se gerente. Autodidata, escreveu e publicou as obras historiográficas *Estudos de História Paraense*, *O Marquês de Pombal e sua Época*, *História de António Vieira*, *A Evolução do Sebastianismo*, *História dos Cristãos-Novos Portugueses* e a já citada *Jesuítas no Pará*, além de ter colaborado na *História de Portugal*, de Damiano Peres. A resenha do livro de João Lúcio de Azevedo na *Brasil-Portugal* destaca, de forma até insistente, a imagem do português que se torna bem-sucedido ao vir para a Amazônia.

A divulgação dessas obras sugere ao leitor a modernidade envolvida no deslocamento para as terras ultramarinas, ao mesmo tempo em que se mantinham as redes de contatos com Portugal. Soares (2017), acerca dos movimentos dos homens de letras da América Espanhola e do Brasil, lembra que estes pretendiam a consolidação das nações pós-independência e, para tanto, forjavam em seus trabalhos um repertório de imagens conectadas à modernidade, assim os mediadores dialogavam com referenciais europeus, enquanto reelaboravam seus próprios meridianos culturais.

Os mediadores amazônicos da revista *Brasil-Portugal* pretendiam plasmar imagem de modernidade por meio de fotos das capitais amazônicas e de uma galeria de seus feitos como homens ilustres, embora essa modernidade se conectasse diretamente às antigas metrópoles. As relações luso-amazônicas podem ser observadas nas comemorações que propunham a permanência da colônia portuguesa.

EFEMÉRIDES LUSO-AMAZÔNICAS

Em 1899 o cruzador português Adamastor aportou na orla de Belém. A embarcação fez parte, ao lado da canhoneira Pátria, de um projeto de incentivo ao patriotismo e à sociabilidade lusófona, iniciado com a formação da comissão da Grande Subscrição Nacional em favor da defesa de Portugal e suas colônias, que, por meio de festas e subscrições públicas, conseguiu donativos para a marinha portuguesa (parte da arrecadação, por exemplo, foi usada para a construção do cruzador). Fizeram parte dessa comissão alguns membros da equipe da revista *Brasil-Portugal*. Ao analisar os jornais do Porto, Cancela (2019) observou a abundância de notas que divulgavam as festas, em geral organizadas por associações: as notas reforçavam a ideia de existência de uma colônia portuguesa, consolidavam redes de relações e davam visibilidade à presença lusa no Pará.

Na *Brasil-Portugal* essas notas também podiam ser encontradas, assim como artigos com o mesmo teor. Um exemplo é o texto que descreve a tripulação do Adamastor sendo recebida de forma calorosa pelas elites do Pará. Na oportunidade, os visitantes foram recebidos pelo então governador Paes de Carvalho, que, em “bons préstimos”, ofereceu aos portugueses um banquete na grande sala do Grêmio Literário Português e em sua própria casa. A cobertura realizada pela revista foi elogiada pelos principais periódicos em circulação na capital paraense: a *Província do Pará* agradeceu a “sublime visita do redator da revista *Brasil-Portugal*”, o literato Lorjó Tavares; a *República* o exaltou pela agência e propaganda; a *Folha do Norte* aproveitou para agradecer aos diretores da *Brasil-Portugal* pelos quatro números da revista quinzenal ilustrada com as quais foi presenteada; o *Pará* elogiou os diretores pela dedicação aos temas abordados pela revista. Lorjó Tavares descreveu dessa forma seu acolhimento em Manaus e Belém:

A publicação foi recebida no norte do Brasil com um sucesso enorme, colossal, sem precedentes. Em ambas aquelas cidades, os governadores dos dois Estados e os membros mais influentes das colônias portuguesas puseram-se em campo para que a propaganda feita por Lorjó Tavares fosse em tudo coroada dos maiores resultados. E esses, pelas últimas notícias, excedem toda a expectativa”. (BRASIL-PORUGAL, 1 de junho de 1899, p. 1)

Paes de Carvalho buscou estabelecer uma forte conexão com a equipe da revista *Brasil-Portugal*, com a tripulação do Adamastor e com o conselheiro Ferreira do

Amaral, que veio a bordo do cruzador¹⁰. Apresentou-lhes à sua família, promoveu festas em sua casa aos visitantes e aproveitou as recepções realizadas no Grêmio Literário Português. Segundo o conselheiro Ferreira do Amaral, esses encontros traduziam “a sincera amizade que liga as duas nações”:

A significação d’estas festas não se limita simplesmente a indicar o natural contentamento dos nossos compatriotas, ou a afabilidade e a cortesia do povo brasileiro; traduz a íntima e sincera amizade que liga as duas nações. O ilustre governador do estado, o dr. Paes de Carvalho, querendo afirmar este pensamento não deu ao comandante e oficialidade do Adamastor apenas demonstrações oficiais: convidou-os para festas na sua casa particular e em sua família.¹¹

Tal como o Adamastor, em 1905 a canhoneira Pátria foi recebida efusivamente pela comunidade portuguesa nos estados do Pará e Amazonas. De acordo com a *Brasil-Portugal*, “os dois grandes estados do norte – Pará e Amazonas – fizeram uma recepção brilhante a canhoneira Pátria [...]. Pará e Manaus souberam corroborar mais uma vez as tradições de bizarra hospitalidade [...]” (BRASIL-PORTUGAL, 16 de março de 1899, p. 6). A revista também publicou diversas fotos de membros da comissão de boas-vindas, tanto do Pará quanto do Amazonas.

A Pátria era um navio de aço que operou entre 1903 e 1931, construído no Arsenal da Marinha, em Lisboa, sob a direção do engenheiro francês Croneau. Ficou por um tempo estacionada em Angola, na Divisão Naval do Atlântico Sul, antes de visitar o Brasil em 1905. Em Belém, foi organizado no Pará Club um *smoking concert* em honra dos oficiais da Pátria e um banquete no salão nobre do Palacete Pinho (BOTELHO, 2017).

Em Manaus, foi editada uma publicação especial intitulada *Pátria*, da qual vários trechos foram inseridos na revista *Brasil-Portugal*, incluindo uma mensagem de boas-vindas: “Bem-vindo seja ele, ele que nos recorda um passado de glórias que vai longe, mas que deixou na História um rastro luminoso que nada apagará” (BRASIL-PORTUGAL, 16 de junho de 1906. p. 153).

¹⁰ De acordo com a *Brasil-Portugal* na ocasião, o governador foi elogiado pelo cônsul paraense Adelino das Neves e Melo, em um artigo que narra a visita do conselheiro Ferreira do Amaral à cidade de Belém.

¹¹ *Brasil-Portugal*, 16 de março de 1899, p. 6.

Essas efemérides acabavam por enfatizar o jogo de interesses, ou a troca de benesses entre as duas nações: de um lado, a revista *Brasil-Portugal* procurava exaltar Portugal, divulgando e celebrando os feitos do colonialismo português, enquanto dialogava com o Brasil com um olhar de “pátria-mãe”; do outro, as elites amazônicas utilizavam os espaços da revista e as ocasiões festivas para a interesses pessoais: fosse para divulgação comercial, para exaltação da modernidade amazônica, fosse para plasmar uma memória positiva de seus próprios feitos para a posteridade.

As viagens do diretor da revista também satisfaziam os objetivos do periódico de “estreitar os laços” entre Brasil e Portugal. A boa recepção da equipe da revista pelos estados brasileiros representava o interesse de governadores e membros influentes da “colônia portuguesa” na divulgação de uma imagem elogiosa dos feitos desses governos e na propaganda das casas comerciais portuguesas da Amazônia. Em contrapartida, os editores da *Brasil-Portugal* ganhavam parceiros e anunciantes, formando uma rede de sociabilidade entre os leitores ligados às colônias portuguesas de diversos lugares.

Portanto, a revista era um lugar de mediação, mas também era um espaço de vulgarização da imagem da Amazônia, tal qual os álbuns de governo e outras obras voltadas especificamente aos estrangeiros, como *As Regiões Amazonicas* e *O País das Amazonas*. Entende-se a vulgarização no sentido de que, no esforço de colocar os bens culturais em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, criam-se novos produtos culturais. Para Gomes e Hansen, os vulgarizadores podem ser entendidos como intelectuais mediadores que dedicaram tempo e esforços a um projeto político cultural, porém não conquistaram reconhecimento como intelectuais, “sendo negligenciados nas análises e considerados de valor secundário, quando não supérfluo” (2016, p. 17).

PALAVRAS FINAIS

A *Brasil-Portugal* foi uma revista ilustrada, publicada entre 1899 e 1914, voltada para o público dos países de língua portuguesa e que, em relação ao Brasil, pretendia a divulgação mútua dos dois países. Sua edição ocorreu em um período conturbado, com instabilidade política na Coroa portuguesa e princípio de cisão nas relações diplomáticas entre Brasil e Portugal. Mesmo que se pretendesse um espaço equivalente entre os dois países, as matérias sobre Portugal são predominantes; não

obstante, é possível perceber que os intelectuais brasileiros conseguiram utilizar o espaço da publicação portuguesa, ainda que pequeno, para promover a região e para elogio próprio.

As análises revelam que a revista era um lugar de sociabilidade luso-amazônica: a recepção à canhoneira Pátria e ao cruzador Adamastor, permitem a visualização de uma rede de interesses e de sociabilidade entre a direção da revista, os políticos amazônicos e os comerciantes portugueses estabelecidos nos estados do Pará e do Amazonas.

Nesse sentido, a pesquisa das referências à Amazônia na revista revela as alianças e conexões entre intelectuais e políticos dessa região com os editores da *Brasil-Portugal*, em especial Paes de Carvalho, atuante colaborador da revista, cujo início do mandato de governador coincide com os anos iniciais de circulação da revista.

As cidades de Belém e Manaus foram representadas de forma a destacar as melhorias urbanas e a modernidade da região – o único texto que enfatiza a natureza amazônica de forma não disciplinada no espaço urbano é um artigo escrito pelo português Lorjô Tavares, diretor e editor da revista, que narra uma viagem pelo rio Amazonas. A fala do jornalista português se interliga aos diversos discursos sobre a Amazônia publicados desde o século XVI.

As biografias e homenagens presentes nas páginas da revista enfocam paraenses e amazonense favorecidos pelo contato com instituições de Portugal e de outros países da Europa; destacam também os imigrantes portugueses que enriqueceram ou se destacaram ao se virem para a Amazônia. Essas biografias e homenagens, ao formar um “panteão” de vidas exemplares, visibilizavam os sujeitos que compunham as relações luso-amazônicas em torno da revista,

Por fim, o papel do Barão de Marajó e de Paes de Carvalho na *Brasil-Portugal* era bastante efetivo na mediação, pois a revista mostrava-se como um meio de divulgação da propaganda oficial dos estados do Pará e do Amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, José Coelho da Gama. **A Amazonia**: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil. Lisboa: Typographia Minerva, 1883.

ALVES, Moema. Aproximações entre Portugal e a Amazônia nas páginas da Ilustração Portuguesa. In: SARGES, Maria de Nazaré; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; AMORIM, Maria Adelina. **O imenso Portugal: estudos luso-amazônicos**. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019.

BOTELHO, Rodrigo. **A canhoneira Pátria e o sistema de informação: 1903-1931**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação Arquivística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

BRAGA, Teodoro. Catálogo dos Periódicos Portugueses Publicados no Pará. In: CARINHAS, Teófilo (org.). **Álbum da colônia portuguesa no Brasil: estado do Pará**. Lisboa: Oficinas Gráficas dos Carinhos, 1929. p. 627-628. Disponível em: <https://fauufpa.org/2015/09/09/album-da-colonia-portuguesa-no-brasil-estado-do-para-1929>. Acesso em: 7 jan. 2020.

CANCELA, Cristina Donza. O Pará nos jornais do Porto: entre anúncios, economia, exotismo e outras ambiguidades (1900-1910). **Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 338-358, 2019.

COELHO, Geraldo Mártires. Vida intelectual e sociabilidade urbana na Belém da *belle époque* da borracha (1890-1910). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2007.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HIGES, Manuel Romero. A Publicidade nos jornais portugueses no final da Monarquia: corporativismo profissional e publicidade perante a liberdade da imprensa. **Estudos do Século XX**, Coimbra, n. 16, p. 129-144, 2016.

LUCA, Tania Regina de. A Ilustração (Paris, 1884-1892) e a Revista de Portugal (Porto, 1889-1892): diálogos entre projetos editoriais e possibilidades técnicas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 91-115, 2017.

MACHADO, Igor José de Renó. O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 35, p.47-67, 2005.

MEDEIROS, Gutemberg. 100 anos de *Atlantida*: continente de letras de Brasil e Portugal. **Galáxia**, São Paulo, n. 32, p. 163-175, 2016.

MULLER, Fernanda. Lorjó Tavares, esse ilustre desconhecido de Brasil-Portugal (1899-1914). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 44-54, 2011.

MULLER, Fernanda. No limiar entre literatura, memória e história: a galeria da imprensa luso-brasileira na revista Brasil-Portugal (1899-1914). **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 255-270, 2010.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 37-52, 2010.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SANTOS, João Júlio Gomes dos. **“O mais esquisito dos espetáculos”**: a crise do asilo diplomático entre Brasil e Portugal em 1884. 2014. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2014.

SARGES, Maria de Nazaré. A árvore das patacas secou: o comércio português em Belém no primeiro quartel do século XX. *In*: MENEZES, Lená Medeiros; SOUSA, Fernando de (org.). **Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico: múltiplos olhares sobre a e/imigração**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017. p. 73-80.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SERPA, Élio. Portugal no Brasil: a escrita dos irmãos desavindos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 81-114, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 245-248.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)**. São Paulo: Intermeios, 2017.

VERÍSSIMO, José. **A Amazônia: aspectos econômicos**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Brasil, 1892.

